



ESTADOS UNIDOS

Sem mudança de rumo

A 252 dias das eleições de meio de mandato, com a popularidade em queda e sob ameaça da inflação, Donald Trump utiliza o tradicional discurso sobre o Estado da União para se vangloriar de uma suposta “virada histórica no país”

» RODRIGO CRAVEIRO

Sob boicote de pelo menos 30 deputados democratas, que se recusaram a comparecer ao Capitólio, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, usou o discurso sobre o Estado da União deste ano para se vangloriar de uma “transformação histórica” supostamente conquistada em seu primeiro ano de governo. A 252 dias das eleições de meio de mandato, cruciais para as pretensões do Partido Republicano, um Trump com a popularidade em queda tentou salvar a promessa feita há um ano sobre o início de uma “era de ouro” que nunca chegou. No discurso sobre o Estado da União, proferido em sessão conjunta da Câmara dos Representantes e do Senado, o presidente costuma traçar a agenda do próximo ano e expor as realizações de seu governo.

Trump deixou a Casa Branca às 20h32 pelo horário local (22h32 pelo horário de Brasília), acompanhado da primeira-dama, Melania Trump, e subiu ao púlpito da Câmara 39 minutos depois, sob aplausos dos republicanos e gritos de “USA! USA!”. Além dos magistrados da Suprema Corte, sentados na primeira fileira, estavam no plenário vítimas do pedófilo e traficante sexual Jeffrey Epstein (**leia nesta página**), com quem o presidente aparece em fotografias que compõem os arquivos sobre o caso.

“Nossa nação está de volta. Mais rica, mais forte e maior como nunca antes. (...) Esta é a era de ouro da América”, anunciou Trump, na abertura de seu discurso. Ele assegurou que herdou uma nação em crise, com níveis recordes de inflação. “Hoje, depois de apenas um ano, posso dizer com dignidade e orgulho que alcançamos uma transformação como nunca vimos antes, uma reviravolta histórica. (...) Nunca mais voltaremos ao ponto em que estávamos há muito pouco tempo”, acrescentou, ao destacar que os Estados Unidos “são respeitados, hoje, como jamais foram”. Também assegurou que as fronteiras norte-americanas nunca foram tão intransponíveis e anunciou que, nos últimos nove meses, nenhum estrangeiro ilegal conseguiu entrar no país.

“De 1776 até hoje, cada geração de americanos se apresentou para defender a vida, a liberdade e a busca da felicidade para a próxima geração. Agora, é a nossa vez. (...) Juntos, estamos construindo uma nação onde cada criança tenha a chance de alcançar mais e ir mais longe — onde o governo responda ao povo, não aos poderosos”, disse.

Havia a expectativa de que Trump contra-atacaria a decisão da máxima instância do Judiciário de invalidar a

Eu acho...



“Provavelmente, haverá pouco impacto direto do discurso sobre o Estado da União nas eleições de meio de mandato. Embora o discurso tenha atraído de longe a maior audiência que um presidente alcança diretamente, os resultados das eleições de meio de mandato tendem a ser mais guiados pela realidade. Se a economia estiver melhorando, mais eleitores apoiarão o partido do presidente. Caso contrário, ocorrerá o inverso. As pesquisas sugerem que, no momento, a maioria dos americanos está insatisfeita com os rumos da economia e com o governo de Donald Trump em geral. Ele tentará mudar essa percepção, mas a história política indica que esses resultados de meio de mandato acompanham de perto o índice de aprovação do presidente.”

JAMES FALLOWS, redator-chefe de discursos da Casa Branca durante a Presidência de Jimmy Carter (1977-1981)

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



Trump no púlpito da Câmara dos Representantes: “Nossa nação está de volta. Mais rica e mais forte”

Vítimas de Epstein assistem ao pronunciamento

A convite do deputado democrata Hakeem Jeffries, a brasileira Marina Lacerda — vítima do pedófilo e traficante sexual Jeffrey Epstein, com quem Trump mantinha laços de amizade — compareceu ao Capitólio para assistir ao discurso sobre o Estado da União. Menos de quatro horas antes do início do pronunciamento, ela falou ao **Correio**, por meio do WhatsApp. “Sinto-me muito honrada por estar aqui e mal posso esperar para ouvir sobre as mudanças e melhorias que tornarão os Estados Unidos grandes novamente. Gostaria também de ver um compromisso nacional para melhor apoiar as vítimas de abuso, tanto mulheres quanto homens”, afirmou. Marina, 37 anos, foi abusada sucessivamente por Epstein dos 14 aos 17. Também abusada pelo financista americano aos 16 anos, Haley Alexa, 39, foi convidada pelo congressista Ro Khanna. Por sua vez, a deputada Maxine Dexter anunciou o convite a Lisa Phillips, também vítima de Epstein dos 20 aos 23 anos. As vítimas utilizam um broche (**foto**) com os dizeres “Apoie as sobreviventes; divulguem os arquivos (do caso Epstein)”.

Alex Wroblewski/AFP



política tarifária imposta a outros países. Na segunda-feira, o republicano classificara o ato da máxima instância do Judiciário como “ridículo, estúpido e extremamente divisivo”.

Interesses nacionais

Em seu pronunciamento, o titular da Casa Branca abordou a política externa e prometeu enfrentar as ameaças aos Estados Unidos. “Estamos restaurando a segurança e a dominação dos Estados Unidos no Hemisfério Ocidental, atuando para proteger nossos interesses nacionais e defender o nosso país da violência, das drogas, do terrorismo e da ingerência estrangeira”, afirmou Trump.

“Durante anos, amplas porções de território em nossa região, incluindo grandes partes do México, têm sido controladas por sanguinários cartéis do tráfico de drogas.”

Por dois anos, James Fallows exerceu o cargo de redator-chefe de discursos da Casa Branca durante a Presidência de Jimmy Carter (1977-1981). Em entrevista ao **Correio**, por e-mail, ele disse que o pronunciamento de Trump somente marcaria uma virada se o republicano declarasse uma abordagem completamente nova e reconhecesse suas falhas no primeiro ano de governo. “Tanto Bill Clinton, após derrotas expressivas nas eleições de meio de mandato de 1994, quanto Barack

Obama, depois de reveses ainda piores em 2010, admitiram, em seus discursos sobre o Estado da União, que haviam cometido erros e precisavam considerar um novo caminho. Não espero que isso aconteça”, disse, pouco antes do discurso.

Historiador político da American University (em Washington D.C.), Allan Lichtman aposta que o discurso de Trump será esquecido muito antes das eleições de meio de mandato, em novembro. “O impacto positivo dos discursos sobre o Estado da União tem sido historicamente passageiro. Além disso, durante o segundo mandato, Trump mostrou-se incapaz de conquistar os eleitores independentes, que decidirão as eleições de

meio de mandato”, afirmou ao **Correio**. Sob ameaça de aumento da inflação, o país assiste a um racha entre integrantes do MAGA (*Make America Great Again*), o movimento populista de direita nos EUA.

De acordo com Lichtman, Trump costuma desumanizar e degradar qualquer pessoa que o desafiar ou discordar dele. “O presidente aproveitou o discurso sobre o Estado da União para intensificar suas políticas, incluindo a tarifária. Também proclamou que criou a maior economia da história e manteve toda a política externa alinhada, incluindo a duvidosa alegação de ter encerrado oito guerras. Por fim, mentiu, mentiu e mentiu.

Irã otimista sobre acordo

Sob pressão de um ultimato dos EUA e na véspera de uma nova rodada de negociações com representantes de Washington, o Irã emitiu, ontem, sinais confusos. Ao mesmo tempo em que colocou a Guarda Revolucionária Iraniana para realizar manobras militares no Golfo Pérsico, o regime teocrático islâmico indicou otimismo em relação à diplomacia. O chanceler Abbas Araghchi anunciou que um acordo sobre o programa nuclear de Teerã está “ao alcance da mão”. “Temos uma oportunidade histórica de alcançar um acordo sem precedentes que aborde as preocupações de ambas as partes e os interesses mútuos”, escreveu na rede social X. O terceiro ciclo de diálogos entre EUA e Irã ocorre, hoje, em Genebra.

Arang Keshavarzian, professor de Estudos Islâmicos e do Oriente Médio na Universidade de Nova York, considera difícil prever as próximas ações de Trump em relação ao Irã. “Em parte, porque não está claro qual é o objetivo do governo norte-americano. Ele quer derrubar o regime, apoiar os manifestantes ou chegar a um novo acordo nuclear? Os Estados Unidos mudaram seus objetivos, e não ficou claro que tipo de programa nuclear o Irã estaria disposto a ter”, disse ao **Correio**. “Além disso, há uma série de fatores internos nos EUA que importam: cerca de 70% da população se opõe à ação militar, e as eleições de meio de mandato se aproximam.”

Conflito regional

Keshavarzian advertiu que um ataque ao Irã é muito diferente de uma ofensiva contra a Venezuela ou o Iraque. “Isso pode se transformar em uma guerra regional, com graves consequências para o mundo”. O estudioso observa que a Guarda Revolucionária do Irã pretende sinalizar, com as manobras bélicas, que qualquer ataque será tratado como declaração de guerra e que estão preparados para estender o campo de batalha para todo o Oriente Médio.

O professor de Nova York admite a possibilidade de um avanço no campo diplomático, mas vê tal cenário como muito difícil. “Isso exigirá que EUA e Irã façam concessões que, publicamente, não aceitaram. Um fator que ajudará é que Arábia Saudita, Turquia, Egito e Emirados Árabes Unidos não querem guerra e preferem uma solução pacífica, pelo menos para a questão nuclear. O momento é incerto”, concluiu Keshavarzian. **(RC)**

GUERRA NO LESTE EUROPEU

União Europeia reforça apoio à Ucrânia

À exceção de Hungria, República Tcheca e Eslováquia, a União Europeia (UE) aproveitou o quarto aniversário da guerra contra a Rússia para reforçar o apoio à Ucrânia. Os presidentes da Comissão Europeia (órgão executivo do bloco), Ursula von der Leyen, e do Conselho Europeu (responsável pelas prioridades políticas), António Costa, visitaram Kiev e prometeram manter o apoio ao governo de Volodymyr Zelensky, com quem se reuniram. “Nós permanecemos como os principais doadores da Ucrânia. Além dos quase 200 milhões de euros de apoio desde 2022, os líderes europeus concordaram em disponibilizar à Ucrânia 90 milhões de euros entre 2026 e 2027, a fim de ajudar a garantir que o país possa satisfazer suas necessidades orçamentais e de defesa urgentes e manter-se forte face aos ataques da Rússia”, afirmaram Von der Leyen e Costa, em

comunicado conjunto. Deste total, 60 milhões de euros serão destinados a necessidades militares, com o propósito de transformar a Ucrânia em um “porco-espinho de aço”, termo usado para designar uma estratégia de defesa assimétrica.

Ao mesmo tempo, cerca de 30 líderes de países aliados da Ucrânia pediram à Rússia que aceite um “cessar-fogo total e incondicional”. Depois de uma reunião por videoconferência com Zelensky, a chamada “coalizão de voluntários” — a qual inclui nações como Alemanha, Reino Unido e França — divulgou um comunicado e apontou o “alto preço que a Rússia pagou por ganhos mínimos no campo de batalha, com cerca de meio milhão de vítimas apenas no último ano”.

Em mensagem de vídeo alusiva aos quatro anos guerra, o presidente

ucraniano disse que o homólogo russo Vladimir Putin não alcançou seus objetivos. “Não quebrou os ucranianos. Não venceu esta guerra”, declarou. Dmitry Peskov, porta-voz do Kremlin, reconheceu que a Rússia ainda não “alcançou plenamente” todos os seus objetivos militares, mas que muitos foram completados. Ele prometeu que o país continuará lutando até concretizar sua meta.

Professor de política comparada da Universidade Kyiv-Mohyla (em Kiev), Olexiy Haran disse ao **Correio** que o conflito entre Ucrânia e Rússia não é apenas uma guerra entre Estados. “Na verdade, o presidente Vladimir Putin quer destruir a Ucrânia como Estado. Ele bombardeia civis e infraestrutura energética no medo do inverno. É uma barbárie por parte da Rússia”, afirmou. “Putin não conseguiu manter a região Donbass (leste) por quatro anos. Agora, ele quer que

a Ucrânia retire suas tropas dali. Entendemos que 20% do nosso território ficarão sob controle da Rússia, caso congelemos as ações no front.”

Posição dos EUA

Haran destacou a visita dos europeus como “muito importante sob o ponto de vista simbólico”. “Considero significativo o fato de a União Europeia ter anunciado 90 bilhões de euros em empréstimos para a Ucrânia pelos próximos dois anos”, acrescentou. No entanto, o especialista não vê a possibilidade de liberação de todo o território ucraniano. “Por algum motivo, o presidente Donald Trump escuta a narrativa de Putin e afirma ser neutro. Nessa ‘neutralidade’, ele segue o raciocínio russo e exige a retirada ucraniana das áreas ocupadas. O problema é esse: não temos apoio por parte dos Estados Unidos.”

Tetiana Dzhaferova/AFP



Presidentes do Conselho Europeu, Antonio Costa (E), e da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen (D), em visita a Zelensky (C)

Peter Zalmayev, diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), se disse grato pela ajuda da UE, mas criticou o fato de a Hungria ter bloqueado o empréstimo de 90 bilhões de euros. “O premiê Viktor Orbán tem se colocado contra a

vontade da maioria no Parlamento, a fim de manter a ponte entre Budapeste e Moscou. Isso enfraquece o bloco europeu. Não acho que alcancemos algo decisivo na guerra sem tomarmos ações decisivas”, afirmou à reportagem. **(Rodrigo Craveiro)**